

## “VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GENERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM

Autoras: Silvia Rita Magalhães de Olinda<sup>1</sup> e Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes<sup>2</sup>

<sup>1.</sup> *Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus1). silvia.rita@terra.com.br*

<sup>2.</sup> *Universidade Federal da Bahia – UFBA e Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana - SBRASH. tcrispf@ufba.br*

### Resumo

Sexualidade e gênero são dimensões da vida que se manifestam a partir do nascimento e independente de qualquer ensinamento. Para compreender e contribuir com suas manifestações, a dinâmica entre família, escola e sociedade é evidentemente necessária. Contudo, estes segmentos nem sempre se encontram preparados para intervirem positivamente. Conscientes desta responsabilidade, como docentes universitárias, desencadeamos ações educativas de formação de profissionais de educação para atuarem na área em questão e em outras demandas sociais que ainda não se encontram curricularmente estabelecidas. A abordagem metodológica desta experiência integra um projeto maior do curso de Letras Vernáculas da UNEB – “Cine Letras” – que pretende ser um espaço cultural de interação, trocas e aprendizagem entre estudantes e professores de cursos de formação docente, estimular o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, assim como instigar a reflexão sobre temas ligados à diversidade cultural, gênero e identidades, direitos humanos, culturas afro-brasileira e indígenas e outros da Pós-modernidade. Analisar características e manifestações da sexualidade e do gênero a partir do filme “Vestido Nuevo” revelou-se uma experiência ímpar que suscitou reflexões sobre a vivência individual e coletiva dos participantes, (re)construção de conceitos e de valores, bem como sobre os modelos de mulheres e de homens, historicamente elaborados, que ‘imprimem’ marcas nem sempre favoráveis as construções das identidades dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Sexualidades; Gênero; Identidades; Práticas Pedagógicas.

### Introdução

Em meio a tantas aprendizagens processadas ao longo de nossas vidas estão também as que se referem à sexualidade e ao gênero. A sexualidade é um atributo ou dimensão humana associada ao prazer, parte integrante e intercomunicante do indivíduo consigo mesmo e com o outro. É um processo intenso que se fundamenta no potencial biológico, nas relações sociais de gênero e na capacidade emocional das pessoas (FAGUNDES, 2005). Assim como a sexualidade, o gênero é uma dimensão humana, definida por Joan Scott (1991, p.14), como “[...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”. Concretiza-se a partir das identidades ou percepções subjetivas que um indivíduo tem sobre si mesmo, no caso das identidades de gênero, as percepções sobre si como mulher, como homem ou ambivalente (andrógino) que podem ou não coincidir com o sexo (fêmea ou macho) do nascimento. No contexto temos ainda as expressões de gênero que correspondem as manifestações externas dos traços culturais definidos por uma sociedade em de uma dada pelas quais se manifestam a feminilidade ou a masculinidade, ou ambas, ou nenhuma.

(83) 3322.3222

[contato@enlacandosexualidades.com.br](mailto:contato@enlacandosexualidades.com.br)

[www.enlacandosexualidades.com.br](http://www.enlacandosexualidades.com.br)

Sobre sexualidade e gênero, na atualidade, são muitas as nomenclaturas que se referem as suas configurações que precisam ser entendidas pelos educadores para serem trabalhadas na escola independente do nível de ensino ou componente curricular ao qual se vincula: cisgenero, heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, gay, léxica, cross-dressing e transgênero (transexuais, genderqueers, drag queens entre outros).

Diante deste quadro, escolhemos o curta metragem espanhol “Vestido Nuevo”, integrando o projeto “Cine Letras” do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus I). O curta metragem, produzido pela TV pública espanhola em 2007, narra a história de Mário, uma criança que usa um vestido rosa, da sua irmã, na escola, no dia da comemoração do Carnaval, vestimenta diferente da solicitada pela professora: uma fantasia do cachorro dálmata. No desenvolvimento do curta metragem percebe-se os conceitos consolidados e pré-estabelecidos na sociedade a respeito de sexo, gênero e identidade e o despreparo da professora e da escola para lidar com esse assunto. A reação da professora, da direção escolar e dos estudantes reflete a ausência de de uma política de educação sexual para o convívio com as diferenças, que ajuda a sustentar a atitude homofóbica e alimentar o preconceito e a exclusão no espaço escolar.

Desconstruir esses conceitos, discutir as diferenças sociais, o respeito ao outro é condição essencial para a educação de crianças e jovens que devem tornar-se tolerantes, respeitosos, mais preparados para viver na sociedade atual, e certamente terão uma nova visão de sexualidade, gênero e das novas configurações afetivas.

### **Metodologia**

A abordagem metodológica desta atividade assim como do projeto consistiu em: Escolher o curta metragem “Vestido Nuevo”; Apresentar ao grupo de estudantes que cursam a disciplina Prática Pedagógica do curso de Letras Vernáculas da UNEB (Campus I); Refletir sobre as marcas de gênero e sexualidade evidenciadas no curta metragem; Construir e reconstruir conceitos e valores sobre identidades, papeis e estereótipos de gênero, manifestações da sexualidade na infância, preconceitos associados a gênero e sexualidade, homofobia, entre outros.

### **Resultados e Discussão**

O curta metragem “Vestido Nuevo” foi apresentado aos graduandos do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus I), integrando o projeto “Cine Letras” que tem por objetivo discutir filmes/curtas que abordem temas atuais e relevantes e possam contribuir para a formação dos estudantes, futuros professores da educação básica.

O filme começa com Mário, uma criança de aproximadamente nove anos, fazendo a leitura do seu texto “porque gosta do Carnaval”, tarefa solicitada aos estudantes, pela professora da turma. A professora havia solicitado a produção do texto e orientou os estudantes a comparecerem à escola no dia da comemoração do Carnaval sem o uniforme e levar na mochila a fantasia de cachorro dalmata, imposta para a turma de Mário. Sabemos que historicamente o Carnaval representa liberdade, alegria e irreverência e, estranhamente, esta escola determina a fantasia aos estudantes, cerceando a criatividade, padronizando a forma de manifestação das crianças.

Nas cenas a seguir temos Mário lendo a sua redação, apresentando as razões de gostar do Carnaval.



A fala de Mário nos textos “porque nos disfarçamos” e “nos vestimos como queremos” revelam a sua percepção e um desejo, que deveriam ser princípios defendidos pela escola: respeito à liberdade, estímulo à criatividade e liberdade de expressão.

O curta metragem suscitou, também, algumas reflexões importantes sobre a concepção da escola, a prática pedagógica da professora, referendada pela escola e revelou também conceitos, preconceitos, crenças e vozes consolidadas na sociedade vigente.

Vimos no curta metragem cenas de violência entre os estudantes, meninos que se agridem verbalmente, ressaltando negativamente as características mais salientes dos colegas, em uma atitude reveladora dos estereótipos consagrados e adquiridos na sociedade. Observemos nas imagens seguintes.



As crianças “diferentes” são taxadas, estigmatizadas e vítimas de violências verbais e também físicas, institucionalizando o *bullying* no espaço escolar.

Quanto à determinação da escola para que os estudantes se fantasiassem de cachorros dálmatas, inclusive usando as coleiras que receberam para completar a fantasia, depreendemos que a coleira representa no mundo animal controle e adestramento e, de certa forma, a escola, ao determinar a fantasia e oferecer coleira aos estudantes, está reproduzindo e reforçando simbolicamente um comportamento de controle e submissão. Com esta atitude, a escola “adestra” as crianças, moldando seus comportamentos, impondo-lhes um único modo de pensar e, particularmente, de se expressar na festa.

No dia da comemoração todos os alunos chegam sem o uniforme, com suas roupas do cotidiano e a fantasia na mochila. Mário chegou com um vestido rosa da sua irmã e com suas unhas pintadas.

Na cena em que Mário entra na sala usando um vestido rosa de sua irmã, a turma reage, no primeiro momento, com silêncio estarrecedor, e um espanto generalizado toma conta da sala de aula.



O silêncio terrificante é uma reação natural dos estudantes que estão crescendo ouvindo de suas famílias e na comunidade, o padrão binário homem x mulher, as regras estabelecidas na sua cultura, reconhecidas como natural e normal.

O silêncio é quebrado quando a professora questiona a atitude de Mário, perguntando-lhe por que está vestido de menina.

Mário não responde, e a fala da professora “Você está vestido como menina” estimula, inconscientemente, a agressão de alguns colegas que o atacam verbalmente, chamando-o de “Viadinho, viadinho”, “Boneca” e “Olha a menina”.



O grupo fica em pavorosa e a professora para controlar a turma convida Mário a acompanhá-la e sair da sala.

Compreendemos que a pergunta da professora aponta o despreparo da escola para lidar com o assunto, visto que ela não fez nenhuma intervenção na sala no sentido de corrigir os estudantes e amenizar o desconforto de Mário e, ao retirá-lo da sala, a professora, simbolicamente, reforça a ideia de anormalidade ali estabelecida.

O silêncio e a atitude dos estudantes exteriorizam a ideia pré-concebida sobre gêneros que se cristaliza em todos os níveis da sociedade, oriunda das construções hegemônicas sobre gênero e identidade (BUTTLER, 2003). Quando a escola não fala sobre o assunto, reforça os estereótipos, preconceitos e “autoriza” atitudes homofóbicas.

A professora perdeu a chance de abordar o assunto com leveza, orientar e exigir respeito dos colegas a Mário e falar das crenças e tabus estabelecidos na sociedade e da necessidade de desconstruir esses conceitos. A atitude da professora legitima o preconceito, o estereótipo de gênero que impõe a heterossexualidade como “natural”, universal e normal.

A professora levou o caso para o diretor da escola. O diálogo entre a professora e o diretor revela espanto, surpresa diante do comportamento “anormal” de Mário e mostra, mais uma vez, o estranhamento que a ação de Mário provocou na escola.

Do mesmo modo, o diretor ratifica essa “anormalidade” quando conversa com o pai de Mário. O diretor da escola, embora educado, não acolhe o pai e nem Mário, não aborda a situação de forma clara e profissional e desnuda a incompetência da escola na condução de questões de sexualidade, gênero e identidade. O diretor não sugere ao pai uma ajuda profissional para a família e não se coloca à disposição para compartilhar com a família o suporte profissional. Por outro lado, o pai sabia que Mário gostava de usar vestido da irmã, que tem poucos amigos, provavelmente por ser tímido, diferente dos colegas e dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade.

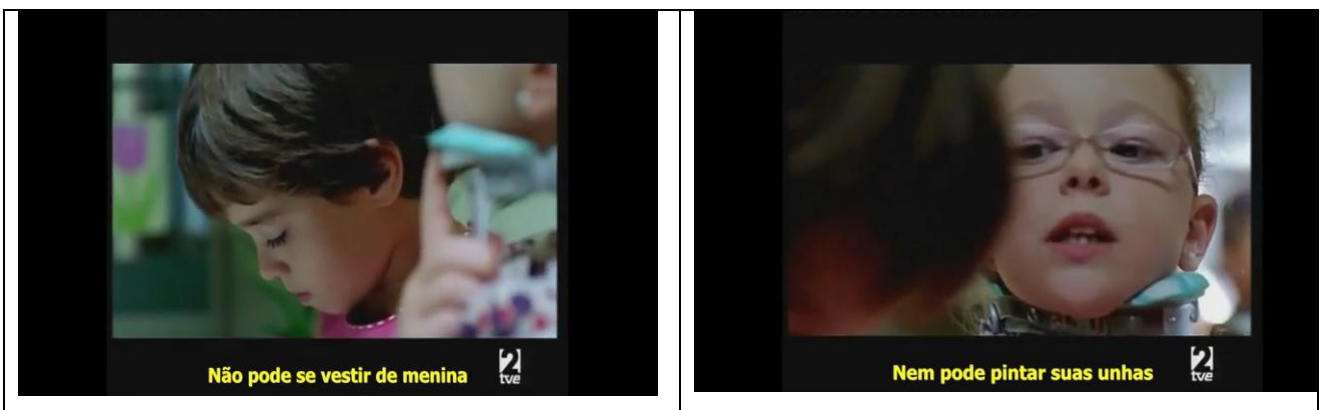


Enquanto o pai de Mário conversa com o diretor, registra-se uma cena importante do curta metragem: Mário e Santos sentados do lado de fora da sala aguardando o resultado da conversa da professora com o diretor e deste com o pai de Mário.

Santos é um estudante agressivo que ofendeu Mário com expressões depreciativas e humilhantes. Nesta cena, o ângulo explorado no curta mostra Santos em um patamar superior que, simbolicamente, representa a posição ocupada pelo homem, heterossexual, em nossa sociedade. A atitude e a fala de Santos materializam os discursos homofóbicos contra meninos e homens que não se identificam com a heterossexualidade considerada natural na sociedade. Nesta cena, Santos observa Mário cabisbaixo a mexer suas unhas pintadas.



Em outra cena importante do curta, vê-se Elenita, colega de Mário que usa um aparelho no pescoço devido a um problema na cervical, sai da sala para apoiar o amigo Mário. O apoio da garota suscita uma interpretação de que os dois são minorias na sala e por isso mais próximos, cúmplices e se apoiam.



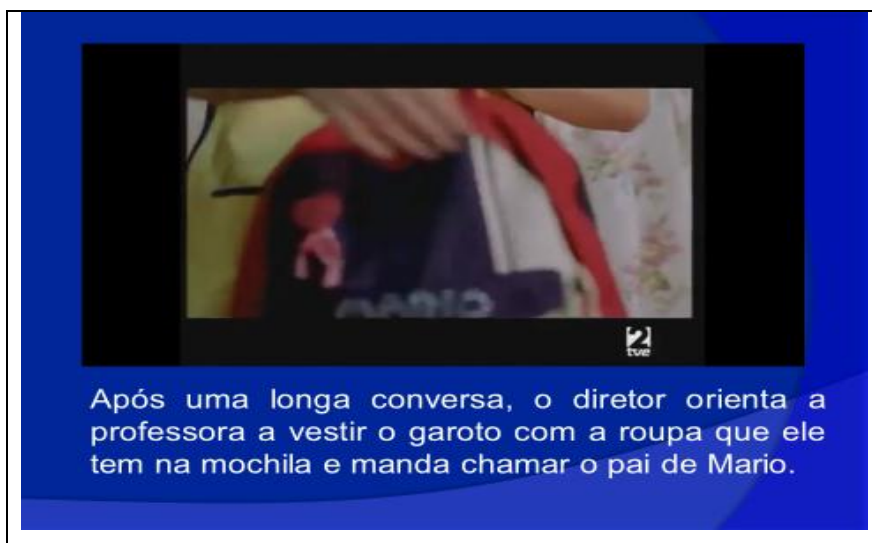
Do diálogo entre Elenita e Mário depreendemos que eles brincavam juntos fora da escola e Mário já havia pintado as unhas na casa dela. Na cena, Elenita censura Mário por ter vindo para a escola com as unhas pintadas e diz a Mário que pintar unhas e vestir-se como mulher é “ilegal” e que a atitude dele é “anormal”, que o coleguinha só pode pintar as unhas em local privado, como na casa dela, ou seja, longe dos olhares de outras pessoas, por ser uma prática apenas de meninas.

Esta fala de Elenita expressa conceitos enraizados, incorporados culturalmente da família, frutos da cultura adquirida e compartilhada na sociedade. Vê-se, portanto, que Elenita aborda no curta a questão da sexualidade, a partir do discurso da escola e da cultura que eles estão inseridos.

Na sociedade, falar sobre sexualidade é enfrentar tabus, crenças e preconceitos. A escola evita falar sobre sexualidade, embora os PCN (BRASIL, 1998) orientem a abordagem dos temas transversais, entre eles a “Orientação sexual”. Contudo, a escola, geralmente, trata do tema pelo

viés biológico, reprodução e doenças transmissíveis, sem abordar o cerne da questão. Contraditoriamente, as crianças frequentemente estão expostas a publicidade, programas e novelas na TV que exploram músicas, danças, cenas, comportamentos e produtos que estimulam a sensualidade e o sexo de forma abusiva, inadequada, sem nenhum respeito e preocupação com a idade e maturidade das crianças.

O diretor orienta a professora a trocar a roupa de Mário. Na mochila de Mário a professora encontra um chaveiro de uma menina vestida de rosa.

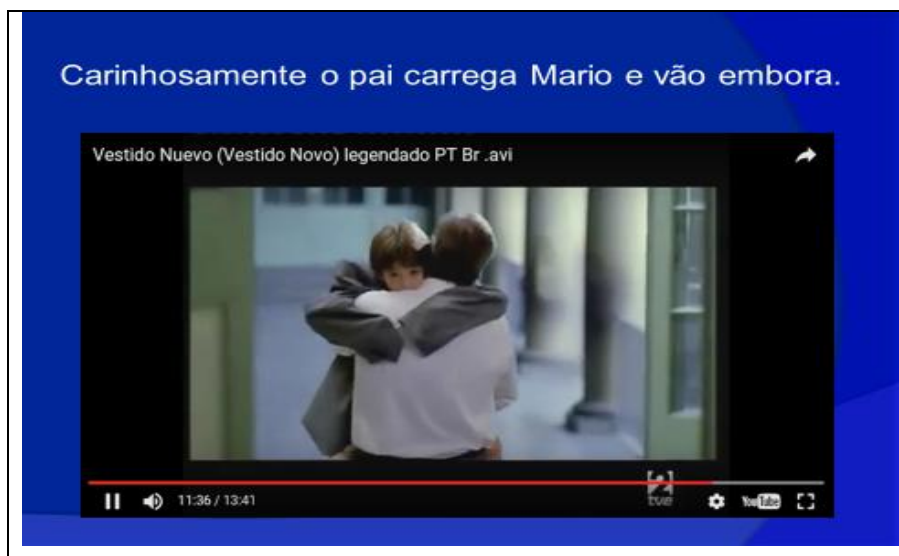


Este contexto nos leva a questionar: será que é a primeira vez que Mário materializa essa preferência na escola ou a professora nunca percebeu? A professora e a escola estão atentas e preparadas para a convivência com as diferenças?

Após o diálogo com o diretor, o pai sai da sala e vai conversar com Mário. A cena é singela e inesperada, o pai retira o paletó e cobre o filho.







O pai apoia e acolhe o filho com muito carinho. A professora, Elenita e Santos observam a cena com estranhamento, surpresa e choque. A reação e o espanto da professora, de Elenita e Santos são o reflexo da ausência de discussão do assunto na escola.

O apoio das mães e dos pais como educadoras/es da sexualidade fundamenta, de forma acentuada, a vivência da sexualidade de uma pessoa durante toda a sua existência e constitui, também, a matriz dos relacionamentos interpessoais que se refletirão com maior ou menor amplitude, em outros ambientes sociais, como a escola.

### **Considerações finais**

A reflexão propiciada pela apreciação do curta metragem evidencia o que também se revela em outras situações – o despreparo da instituição escolar para abordar e resolver questões sobre a vida com crianças que estão descobrindo seus corpos e sua sexualidade.

A sociedade impõe o que considera certo e natural, um modelo binário, que privilegia a heterossexualidade e a escola, ao longo da sua história, vem reproduzindo a cultura sexista da sociedade quando seleciona quais brinquedos os meninos podem usar e quais não devem, insinua que certas cores são do mundo masculino e outras do feminino, reforça a ideia de que meninos não devem chorar, que meninos têm mais facilidade com os números e cálculos e que as meninas devem seguir certas carreiras profissionais, como enfermagem, pedagogia, professor de um modo geral, não incentiva que meninas joguem bola e que meninos brinquem de boneca, diz que meninos são mais racionais e meninas mais emotivas, sensíveis e frágeis.

A escola é um importante espaço para informar, discutir e compreender sobre sexualidade, vínculos afetivos, experiências de iniciação sexual, virgindade, homossexualidade, homofobia e preconceitos, entre outros. No entanto, a escola evita abordar esses temas, ou apresenta pelo viés da prevenção de doenças. Além dessa orientação, age moldando o comportamento das crianças, para formatar de acordo com a sua concepção social e cultural. Quanto à sexualidade, essa discussão é desvirtuada por professores e outros agentes de educação quando, ignorando a diversidade, impõem aos estudantes uma única maneira de existência: a do sujeito que se identifica com o gênero heterossexual.

A ausência de discussão clara e pedagógica permite os discursos homofóbicos e binários decorrentes de uma visão desatualizada e limitada, que ignora as descobertas científicas sobre as diferenças entre sexo biológico, gênero e identidade. Essas ideias pré-estabelecidas e cristalizadas têm passado de geração para geração, resultando em incentivo a opressões e violências na sociedade.

Trabalhar, simultaneamente, a problemática de gênero, da diversidade sexual e das relações étnico-raciais, ou seja, abordar em conjunto a misoginia, a homofobia e o racismo não é apenas uma proposta absolutamente ousada, mas oportuna e necessária.

Partindo da perspectiva dos estudos culturais, o currículo, na escola, tem como objetivo não somente assegurar a apreensão do conhecimento formal, mas, também construir sentidos, atitudes e valores sociais e culturais. Como gênero e sexualidade são construções sociais historicamente elaboradas, entendemos que é papel da escola promover a discussão e conhecimento para evitar preconceitos, e distorções e oportunizar uma vivência saudável da sexualidade e do gênero.

## Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. p.17-41 e 285-335 (Orientação Sexual). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acessado em 19/06/2017.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade e gênero uma abordagem conceitual. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (org.). **Ensaio sobre Educação, Sexualidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2005. p. 9-20.

PEREZ, Sergio. **Vestido Nuevo**. Madrid: Escandalo Films. 2007

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **SOS Corpo**. Recife: 1991.